

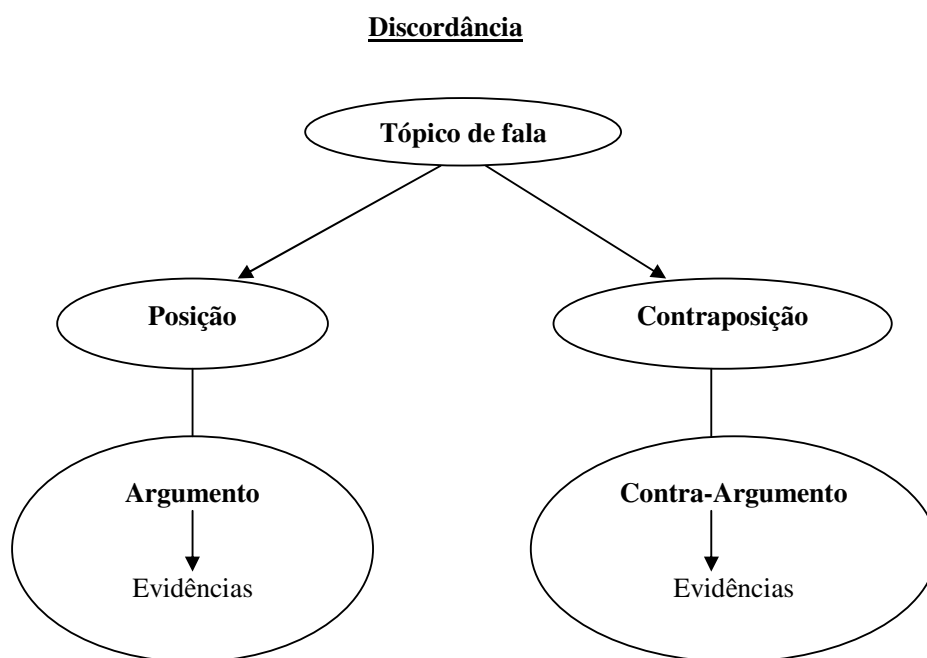
4. A Discordância e a Argumentação

No presente capítulo, apresentam-se seqüências de discordâncias realizadas no contexto argumentativo a partir de suas ocorrências no presente corpus de interação institucional. Discutimos inicialmente a estrutura argumentativa construída a partir de turnos discordantes e, a seguir, a estrutura marcada da discordância. Por fim, analisamos como os recursos mitigadores e instigadores estão presentes na realização da discordância nos turnos argumentativos.

4.1. A Estrutura Argumentativa

A estrutura argumentativa em que nos baseamos, como visto no segundo capítulo destinado aos pressupostos teóricos, segue a proposta de Schifffrin (1987) para uma *posição* que expressa a idéia e o compromisso do falante com o que ele defende, e a proposta de *sustentação* de Gryner (2000) fundamentada em evidências que sustentam tal posição, a que definimos como o próprio *argumento* de defesa do falante na situação de disputa. Dessa forma, retomando a figura 2, temos a seguinte estrutura argumentativa:

Figura 2: Estrutura Argumentativa da Discordância.



O contexto institucional argumentativo em que o programa de análise está inserido obriga a cada participante da interação a seguir algumas normas pré-estabelecidas, como por exemplo, o tempo de fala, a ordem dos turnos e o momento de colocar sua posição sobre o tópico em debate e defendê-la. Considerando que o turno de fala de cada participante é limitado – cinquenta e nove segundos - observamos que o falante precisa explorar bem seu turno e apresentar o que lhe é solicitado institucionalmente, ou seja, sua posição sobre determinado assunto.

Como retratado no capítulo da metodologia deste estudo, no início de cada edição, a apresentadora expõe à audiência o tema que será debatido pelos participantes presentes na mesa. Na primeira edição analisada, o tema inicial trata das declarações da cúpula policial do governo do PP no julgamento sobre o atentado de 11M. Partindo da apresentação do tema, a mediadora faz a seguinte pergunta aos participantes:

(1)

[1 - I; Ana; 00:03:07]¹

01 bueno que les parece? las declaraciones de estos (
02 santos manos) policiales que ya dicen que al mismo
03 once eme por la tarde se estaba descartando la autoría
04 de eta como >hipótesis Isabel<

No final de sua pergunta, que consiste em saber a posição dos participantes do debate sobre as declarações dos policiais no julgamento do 11M, a mediadora seleciona o próximo falante, escolhendo Isabel como a primeira participante a posicionar-se sobre o tópico em questão. Isabel, então, nos seus cinquenta e nove segundos apresenta a sua posição e a argumenta da seguinte forma:

(2)

[1 - I; 1ª D – Isabel; 00:03:17]

05 hombre lo que nos da cuenta este video de que por la
06 mañana a las doce de la mañana nos dijeron que era

¹ Cf. item 3.3.1 relativo à metodologia deste trabalho.

07 titanini que se había estallado y por la tarde le dijeron
 08 que no y esta misma tarde acebes dijo que se había
 09 abierto otra línea de investigación que se estaba
 10 investigando la línea islamita y que no se se descartaba
 11 ninguna de las dos de modo que a mí me parece que lo
 12 que se hizo fue exactamente lo correcto había muchos
 13 indicios que apuntaban a la posibilidad que hubiera sido
 14 eta muchas >preferencias muchas interferencias<
 15 muchas razones y a partir del momento que se abrió
 16 una segunda línea de investigación islamita se siguió y
 17 de hecho al día siguiente de eso se colocaron las
 18 primeras detenciones y el día trece decir dos días
 19 después se habían producido muchas detenciones y se
 20 había esclarecido el ochenta por ciento de lo que se ha
 21 esclarecido desde el atentado, no es mucho pero se hizo
 22 los dos días siguientes al atentado con lo cual >a mí me
 23 parece< que la actuación fue impecable y me parece que
 24 el atentado de hoy en argelia en la gran marruecos
 25 demuestra que el terrorismo islamita no tiene nada que
 26 ver con la guerra de islamismo de ningún gobierno es
 27 un terrorismo brutal que ataca todos que no se (cumple) la
 28 exigencia y se acabó

Isabel ao inicio de seu turno relata os acontecimentos do dia do atentado nas declarações das autoridades responsáveis pela investigação *por la mañana a las doce de la mañana nos dijeron que era titanini que se había estallado y por la tarde le dijeron que no y esta misma tarde acebes dijo que se había abierto otra línea de investigación que se estaba investigando la línea islamita y que no se se descartaba ninguna de las dos* (l. 5 – 11). Com este argumento, ela se opõe à informação dada no julgamento e relatada pela apresentadora de que na tarde do atentado já se descartava a hipótese da autoria de ETA e que, no entanto, segundo Isabel, o ministro não descartava nenhuma das duas hipóteses. A participante, então, posiciona-se a favor da atuação dos policiais: *a mí me parece que lo que se hizo fue exactamente lo correcto* (l. 11 – 12) e ratifica sua posição mais ao fim do turno afirmando que *>a mí me parece< que la actuación fue impecable* (l. 22 – 23).

De acordo com a estrutura argumentativa desenvolvida neste trabalho podemos dividir este primeiro turno, respeitando a ordem de fala, da seguinte forma:

Quadro 2: Posição/ Argumento: 1º turno/ 1ª participante

1º TURNO/ 1ª PARTICIPANTE: ISABEL	
Argumento	hombre lo que nos da cuenta este video de que por la mañana a las doce de la mañana nos dijeron que era titanini que se había estallado y por la tarde le dijeron que no y esta misma tarde aceves dijo que se había abierto otra línea de investigación que se estaba investigando la línea islamita y que no se se descartaba ninguna de las dos de modo que
Posição	a mí me parece que lo que se hizo fue <u>exactamente</u> lo correcto
Argumento	había muchos indicios que apuntaban a la posibilidad que hubiera sido eta muchas >preferencias muchas interferencias< muchas razones y a partir del momento que se abrió una segunda línea de investigación islamita se siguió y de hecho al día siguiente de eso se colocaron las primeras detenciones y el día trece decir dos días después se habían producido muchas detenciones y se había esclarecido el ochenta por ciento de lo que se ha esclarecido desde el atentado, no es mucho pero se hizo los dos días siguientes al atentado con lo cual
Posição	>a mí me parece< que la actuación fue <u>impecable</u>
Nova Posição	y me parece que el atentado de hoy en argelia en la gran marruecos demuestra que el terrorismo islamita no tiene nada que ver con la guerra de islamismo de ningún gobierno es un terrorismo brutal que ataca todos que no se (cumple) la exigencia y se acabó

Notamos através desta estrutura que a posição é colocada de forma intercalada ao argumento e sendo conclusiva a ele, através das expressões *de modo* e *con lo cual*. Sendo assim, a falante parte do argumento em direção à posição, ou seja, primeiro ela apresenta a evidência – o período do dia em que as informações eram dadas – que sustenta seu argumento e depois expõe sua posição, e repetindo em seguida o mesmo processo. No fim do turno, Isabel apresenta uma evidência - *el atentado de hoy en Argelia en la gran marruecos* – para justificar sua nova posição de que o *terrorismo islamita no tiene nada que ver con la guerra de islamismo de ningún gobierno*. O termo *Nova Posição* não se relaciona a uma posição contrária ou diferente. Na verdade, optamos por este nome apenas para mostrar que a falante apresenta uma evidência atual, considerando que se discute o tema do atentado de

2004 em Madri, para defender seu argumento já exposto de que o governo considerava na época, a hipótese da linha islamita no atentado de 11M.

Isabel, como a iniciante do debate, marca uma posição que é o ponto de partida para os turnos que vêm a seguir. Os outros participantes que atendem ao chamado da mediadora e se engajam na sequência da interação baseiam-se em posições e argumentos de turnos anteriores ao seu. Na sequencialidade da interação, o interagente se orienta “pelo que acabou de ser dito e é entendido em relação ao que foi dito anteriormente” (Pomerantz e Fehr, 1997: 69). No entanto, a sequencialidade no contexto institucional está sujeita a um controle externo à interação que é o controle da mediadora, que não participa do debate, ou pelo menos não diretamente. Ao selecionar o próximo falante, ela faz a “ponte” entre os turnos que se seguem numa estrutura de alinhamento (Goffman, 1981), apoiando ou opondo-se à argumentação do turno anterior. Em nossos dados a oposição é frequente.

Observemos, então, o turno a seguir do de Isabel o segundo turno do programa:

(3)

[1 - I; 2ª D – Margarita; 00:04:18]

30 bueno, vamos yo creo que la actuación no fue en
31 absoluto impeçable en primer lugar el gobierno no
32 compartió con las cosas de la oposición que () un
33 desastre de esta magnitud y en segundo lugar acebes, en
34 contra a lo que acaba de decir Isabel en mi opinión
35 mantuvo durante mucho tiempo la sospecha de que eta
36 estaba en el asunto y muchos meses después recuerdo
37 por ejemplo la >declaración de anaya en la comisión
38 parlamentar en el congreso de los diputados< abonó
39 claramente la sospecha por por un ejemplo que había ()
40 yo creo que en estas últimas horas hemos asistido a un
41 gran (quebrado) estado de derecho porque si el jefe
42 general de la policía en ese momento, el señor diaz de
43 mera ha mentido y se puede saber pronto realmente
44 habrá manchado el prestigio de los cuerpos y fuerzas de
45 seguridad del estado.

Margarita inicia seu turno opondo-se imediatamente à posição de Isabel de que a atuação das autoridades teria sido impecável. Em sua contraposição a participante afirma: *bueno, vamos yo creo que la actuación no fue en absoluto*

impeccable (l. 30 – 31). A estrutura do enunciado discordante é a mesma usada por Isabel, com o acréscimo da partícula negativa *no* e a expressão *en absoluto* que maximiza o aspecto oposto da sentença. Ao usar a mesma estrutura de posição do primeiro turno, a falante mostra que além de estar atenta em reconhecer a posição defendida por seu interlocutor, a considera errada em sua totalidade e por isso a ataca diretamente construindo a discordância. O maximizador de força *en absoluto* exclui qualquer idéia que não seja de acordo com a sua contraposição. Como se a possibilidade de que alguém sugira que a atuação foi correta não seja cabível ao conhecimento público da questão em debate.

Para sustentar sua posição, Margarita apresenta três contra-argumentos ao de Isabel. Primeiro, ela argumenta que *el gobierno no compartió con las cosas de la oposición* (l. 31 – 32) e segundo, Acebes manteve *durante mucho tiempo la sospecha de que eta estaba en el asunto* (l. 33 – 36). Este segundo contra-argumento é um ato de discordância direto ao de Isabel, que sustentava a hipótese da investigação da linha islamita, e ao fazê-lo, a falante reconhece a força do ato e o divide em duas partes. Inicia com *en segundo lugar acebes* (l. 33) e interrompe para informar que sua posição é claramente contrária à anterior *en contra a lo que acaba de decir Isabel en mi opinión* (l. 33 - 34), para então concluir o contra-argumento de que o ministro manteve a suspeita do envolvimento do ETA por muito tempo.

Para uma visão mais detalhada deste turno discordante, recorreremos novamente à estrutura argumentativa:

Quadro 3: Contraposição/ Contra-Argumento: 2º turno/ 2ª participante

2º TURNO/ 2ª PARTICIPANTE: MARGARITA	
Contraposição	bueno, <u>v</u> amos yo creo que la actuación no fue en absoluto <u>i</u> mpeccable
Contra-Argumento	en primer lugar el gobierno no compartió con las cosas de la oposición que () un desastre de esta magnitud y en segundo lugar acebes,
Contraposição	en contra a lo que acaba de decir Isabel en mi opinión
Contra-Argumento	mantuvo durante mucho tiempo la sospecha de que eta estaba en el asunto

Contra-Argumento	y muchos meses después recuerdo por ejemplo la >declaración de anaya en la comisión parlamentar en el congreso de los diputados< abonó claramente la sospecha por por un ejemplo que había ()
Posição	yo creo que en estas últimas horas hemos asistido a un gran (quebrado) estado de derecho
Argumento	porque si el jefe general de la policía en ese momento, el señor diaz de mera ha mentido y se puede saber pronto realmente habrá manchado el prestigio de los cuerpos y fuerzas de seguridad del estado.

A evidência que sustenta o terceiro contra-argumento de Margarita é composta por uma nova informação: o exemplo do fato ocorrido pós-atentado que valida a suspeita da presença do grupo terrorista Vasco: *la >declaración de anaya en la comisión parlamentar en el congreso de los diputados<*. Com essa evidência, Margarita refuta o argumento de Isabel, de acordo com as normas propostas por Penteadó (1964 *apud* Garcia, 1971), escolhendo uma “autoridade que tenha dito exatamente o contrário do que afirma o seu opositor”. Dessa forma, Margarita marca a falha existente no argumento de sua interlocutora, na medida em que esta deixa de informar um fato de conhecimento público que vai de encontro à informação sobre a investigação da linha islamita, o que permite a suposição de que essa omissão de informação de Isabel tenha sido proposital, pois lhe seria conveniente em sua defesa de posição, ou o que seria mais agravante em termos de seu papel institucional de jornalista, o seu desconhecimento do fato mencionado. Como não há um retorno de fala à participante anterior, só conseguimos supor que ambas situações seriam possíveis de ocorrer.

No entanto, na análise de outras edições, notamos que a participante Isabel se envolve, em outros momentos, em situações parecidas com a relatada anteriormente, ou seja, ela omite uma evidência em prol da defesa de sua posição. Essa evidência é identificada geralmente no turno seguinte, instaurando a discordância. Uma dessas situações é exemplificada nas estruturas argumentativas a seguir, o primeiro turno, o de Isabel e o segundo, o turno discordante, no exemplo, o turno de Jose Maria.

Quadro 4: Posição/ Argumento: 1º turno

[2; 5ª D – Isabel; 01:06:12]

Posição	vamos a ver que conthe la naturaleza personal de conthe a mí me da igual porque ya está fuera >no cuenta para nada en la vida española< si alguien me había dicho de mí lo que conthe ha dicho de sebastián yo no solo habría salido inmediatamente a la palestra sino que probablemente había ido a ponerle una querella por calumnia y por difamación
Argumento	y sebastián lo que hecho? es esconderse ha estado cuarenta y ocho horas desaparecido ayer tenía una cita con el diario el mundo para sacarse una foto con todos los demás candidatos al ayuntamiento y a las regiones de madrid que hoy publica el mundo y la que están todos menos él que faltó porque ha estado escondido ha estado desaparecido ha estado missing
Posição	y quien calla otorga ha hecho un desmentido poco creíble y poco plausible a mí lo que me parece que lo que ha demostrado es que sebastián efectivamente utilizó la oficina económica del gobierno
Argumento	para intentar una venganza personal contra el presidente del banco que le había echado del banco
Posição	y que una persona que es capaz de hacer una cosa así está absolutamente inhabilitado para ejercer cualquier cargo en la vida pública

Quadro 5: Posição/ Argumento: 2º turno

[2; 6º D – Jose Maria; 01:07:12]

Posição	bueno lo que es evidente que si el conthe veía las cosas tan malas en el momento tenía que haber denunciado
Argumento	y si no la denuncio se hace responsable por estas supuestas irregularidades que ahora
Posição	denuncia por <u>resentimiento</u> ,
Argumento	conthe se habla cuando se va y habla tratando de hacer mayor daño posible a gente que tiene >cuentas pendientes<
Contraposição	yo creo que el candidato al alcaldía de psoe de madrid no se escondió nada por estilo
Contra-	tuvo dos entrevistas en dos medios de comunicación

Argumento	
Contraposição	y no se hace eso cuando se está escondido,
Argumento	en cualquier caso si se han cometido irregularidades si se han cometido fallas pues que se <u>aclaren</u> pues en cualquier caso
Posição	la credibilidad que tiene un señor que
Argumento	dice ahora cosas radicalmente distintas de las que no dijo cuando >se pusieron los hechos< en aquel momento decía este gobierno ve las cosas bien no como otros gobiernos que veían las cosas mal
Posição	la credibilidad que tiene el señor conthe es <u>nula</u>
Argumento	porque se ve claramente que está actuando con resentimiento

Isabel em seu argumento apresenta como evidência que o então candidato à prefeitura de Madri pelo PSOE, Miguel Sebastián, permaneceu escondido por dois dias, ausentando-se de compromissos como a foto dos candidatos aos cargos de Madri registrada pelo jornal *El Mundo*. Isabel, então, assume a posição em seu discurso de considerar Sebastián culpado das acusações, uma vez que se manteve escondido da opinião pública, num momento em que ele é acusado por Manuel Conthe de utilizar a máquina do governo em seu proveito. A participante ainda se posiciona, no fim de seu turno, contra a capacidade de Sebastián administrar a comunidade de Madri afirmando que *una persona que es capaz de hacer una cosa así está absolutamente inhabilitado para ejercer cualquier cargo en la vida pública*.

No turno de Jose Maria, seguinte ao de Isabel, o participante discorda do argumento apresentado por sua antecessora sobre o fato do candidato à prefeitura de Madri estar escondido. Segundo o debatedor, não se pode considerar que alguém esteja escondido se este comparece na mesma semana em duas entrevistas em dois meios de comunicação diferentes. Com essa evidência, Jose Maria contra-argumenta o turno de Isabel, citando “exemplos semelhantes, que provem exatamente o contrário dos argumentos que lhe são apresentados pelo opositor” (Penteado, 1964 *apud* Garcia, 1971).

É importante notar que o participante não questiona a evidência exposta por Isabel. O fato de Conthe não ter se apresentado para a foto do jornal não está em questão, o que nos faz pensar que seja uma informação verídica. Jose Maria, na verdade, se interessa em comprovar que no argumento de Isabel há uma falha,

pois a evidência que o sustenta foi escolhida para tal objetivo, em detrimento da omissão de outras.

Essa reincidência na omissão de informações de Isabel, ocorrida em edições distintas, nos leva a afirmar que tal procedimento tende a ser proposital, pois a partir do observado, só podemos chegar a duas explicações sobre esta atitude: ou ela não detém o conhecimento suficiente como jornalista, uma vez que são dois temas diferentes e discutidos em edições diferentes, ou ela se apropria da informação que lhe pareça mais conveniente no debate. Como a primeira opção não nos parece a verdadeira, até porque não teríamos como comprovar sua capacidade profissional, nos resta considerar que o fato de omitir evidências de conhecimento público se torna uma estratégia argumentativa de Isabel, na medida em que essa omissão é favorável a ela na sustentação de seu argumento e por conseguinte de sua posição.

É válido ressaltar que essa estratégia de omissão de informação nem sempre é favorável, pois passa uma incerteza, em termos de credibilidade, à audiência que passa a duvidar sobre a veracidade dos argumentos da participante. O debate no programa televisivo é realizado para um público que acompanha as discussões e decreta ao final do programa quem foi o melhor debatedor, ou seja, aquele que melhor convenceu à opinião pública. Se a participante com regularidade omite informações, ao público não interessa se é uma estratégia, ele a vê como não conhecedora do assunto. Portanto, a estratégia de Isabel, ao mesmo tempo em que a favorece como uma estratégia argumentativa, pode ser muito prejudicial à sua imagem pública como jornalista e debatedora.

Como observado nos turnos de Isabel e Margarita – quadros 2 e 3 – e nos turnos de Isabel e Jose Maria – quadros 4 e 5 - as evidências se tornam também alvo de discordância dependendo da forma como elas são empregadas pelos participantes na interação. Sendo assim, não só as posições e os argumentos são passíveis de ações discordantes, mas também as evidências em si. Como representam fatos, ao discordar das evidências, os participantes automaticamente discordam dos fatos, não da essência deles, pois são de ordem pública, mas de como são apresentados por seu interlocutor, porque, como vimos nos turnos de Isabel, a participante ao argumentar o faz através da escolha de evidências que lhe são convenientes. Em outras palavras, a discordância está na forma como o participante se apropria da evidência para sustentar sua defesa.

Retornando ao turno de Isabel, no exemplo (2), quadro 2, a participante inicia seu tempo de fala apresentando um relato dos acontecimentos do dia do atentado nas declarações das autoridades responsáveis pela investigação, ou seja, apresenta uma evidência:

(5)

[1 - I; 1ª D – Isabel; 00:03:20]

05 por la
06 mañana a las doce de la mañana nos dijeron que era
07 titanini que se había estallado y por la tarde le dijeron
08 que no y esta misma tarde acebes dijo que se había
09 abierto otra línea de investigación que se estaba
10 investigando la línea islamita y que no se se descartaba
11 ninguna de las dos

Isabel relata como evidência a ordem cronológica da investigação feita no dia do atentado. Primeiro menciona sobre o tipo de explosivo usado: de manhã era titanini, que é característico do grupo ETA, de tarde não era. Por fim, menciona a fala do ministro Acebes de que se havia aberto outra linha de investigação e não se descartava nenhuma das duas hipóteses: ETA e islamismo. Isabel continua o turno – cf. exemplo (2), quadro 2 - porém sem retratar outra seqüência de fatos ou acrescentar outra informação a esta seqüência, o que sugere, em termos de evidência, que somente estas três etapas ocorreram no dia do atentado, ou pelo menos são as relevantes para o debate: de manhã explosivo de ETA, a tarde outra marca de explosivo e em seguida a fala de Acebes.

No entanto, no turno de Ernesto, o quarto desta primeira rodada de debate, é oferecida uma nova informação relevante a essa seqüência de fatos apresentada por Isabel, mas não mencionada por ela:

(6)

[1 - I; 4º D – Ernesto; 00:06:27]

70 por la mañana () se dice que es titanini y el ministro
71 acebes lo sabe y por la tarde a las dieciocho horas y
72 veinte minutos aproximadamente según el testimonio
73 de los dos >policías responsables policiales< se hace un
74 repaso de la situación y a las dieciocho y veinte repito
75 se le dice acebes que no es titanini qué hace acebes?
76 acebes hace una rueda de prensa a las ocho de la noche
77 ocho y cuarto de la noche de este mismo día jueves y

- 78 dice que sí el explosivo habitual de eta dice
 79 exactamente lo contrario eso se digamos la definición
 80 de eso que va en el diccionario es mentir acebes ha
 81 mentido descaradamente sabía que no era el explosivo
 82 habitual de eta es decir la marca titanini y le dice a la
 83 opinión pública española que ese es el explosivo
 84 habitual de eta,

Ernesto concorda com a evidência de Isabel em relação à marca do explosivo, tanto na parte da manhã quanto da tarde, porém ele apresenta uma evidência nova de que Acebes sabia que não era titanini, mas disse em cadeia nacional que era o explosivo de ETA. Além de mentir, segundo Ernesto, o ministro quando acusa o grupo espanhol não dá o mesmo peso sobre as “supostas” duas linhas de investigação, porque se ETA é acusado sem ter aparente culpa, há uma pré-disposição em considerá-lo culpado. Portanto, a evidência de Ernesto é discordante da de Isabel, apesar de não ser diretamente a mesma de Isabel. Ernesto questiona a atitude do ministro, discordando implicitamente da posição de Isabel de que a atuação foi *impecable*. Como poderia ser impecável se a autoridade máxima da investigação mente em cadeia nacional sobre um fator determinante na culpabilidade do grupo espanhol? É uma contraposição implícita de Ernesto, construída a partir das evidências. Comparemos a disposição dos turnos e a sequência das evidências apresentadas pelos dois participantes:

Quadro 6: A ordem das Evidências: 1º turno/ 4º turno

Isabel/ 1º Turno

PARTE DO DIA	HORA	INFORMAÇÃO	ATITUDE DO MINISTRO
Manhã	12h	Explosivo era da marca titanini.	_____
Tarde	Não há referência.	O explosivo não era da marca titanini.	Acebes diz que há outra linha de investigação, a linha islamita, e nenhuma das duas é descartada.

Ernesto/ 4º Turno

PARTE DO DIA	HORA	INFORMAÇÃO	ATITUDE DO MINISTRO

Manhã	Não há referência.	Explosivo era da marca titanini.	_____
Tarde	18:20 aproximadamente.	O explosivo não era da marca titanini.	Acebes chama a imprensa às 20:15h e afirma que o explosivo era o usado habitualmente por ETA, a marca titanini. Diz exatamente o contrário.

Ao relatar a evidência omitida por Isabel, Ernesto marca sua contraposição implícita de que o governo não agiu de forma correta em relação à investigação. Nota-se que há um referente à hora exata da declaração de Acebes, evidenciada através de um testemunho *según el testimonio de los dos >policías responsables policiales<* (l. 72 – 73) dando uma maior veracidade ao seu argumento de que o ministro sabia que não era o explosivo de ETA e ainda assim afirmou o contrário.

As estruturas argumentativas dos turnos em análise nem sempre seguem a mesma ordem estrutural. A escolha, por exemplo, do componente de início de turno varia constantemente, ora pela posição, ora pelo argumento. No entanto, essa variação segue um determinado padrão na interação.

Retomando os turnos de Isabel e Margarita - quadros 2 e 3 - observamos que enquanto Isabel inicia seu turno pelo argumento, Margarita o inicia pela posição, sendo uma contraposição na sequência da interação. Essa oposição na forma de iniciar o turno pode ser justificada pela sequencialidade dos turnos da fala, uma vez que o participante do segundo turno, que esteve apenas na posição de ouvinte por cinquenta e nove segundos, atento na possibilidade ser o próximo falante, deve orientar-se “pelo o que acabou de ser dito” (Pomerantz e Fehr, 1997: 69) para engajar-se na interação. Sendo assim, a informação mais recente é a tomada por base, seguindo a regra de preferência pela contigüidade, em que o turno seguinte se inicia pelo final do turno anterior (Sacks et al., 1974).

Os turnos seguintes aos de Margarita já apresentam um diferencial nesta questão, sendo iniciados pela posição e não necessariamente pelo elemento mais próximo ao turno anterior de cada. Os dois turnos seguintes na sequência desta edição, representados abaixo, iniciam pela posição (e contraposição, no caso do segundo). Cabe dizer que ao término do turno de Margarita, a apresentadora antes de chamar a José Antonio enfatiza que quer a posição dos participantes sobre as declarações dos policiais, visto que no fim do turno anterior, a participante

menção a declaração do ex-Diretor Geral da Polícia, Agustín Díaz de Mera, que não é segundo a mediadora, o foco de debate neste primeiro momento:

(4)

[1 - I; Ana; 00:05:15]

- 46 enseguida vamos a entrar en estas declaraciones
 47 polémicas esa actuación que algunos califican de
 48 polémicas de díaz de mera pero que se esperan? de
 49 estas declaraciones de los policías >jose antonio<

Jose Antonio então é convidado a proferir seu turno que se inicia pela sua posição sobre a questão. A regra de contigüidade poderia ser aplicada aqui uma vez que a mediadora no fim de seu turno pergunta *que se esperan? de estas declaraciones* (l. 48 – 49) e José Antonio inicia exatamente por este ponto:

Quadro 7: Posição/ Argumento: 3º turno/ 3º participante

3º TURNO/ 3º PARTICIPANTE: JOSE ANTONIO	
Posição	a mí me parece que no porta nada nuevo
Argumento	porque son muy concientes con lo que dijeron ya en la comisión en su momento y eso lo que se estaban diciendo desde el principio es decir, por la mañana inicialmente la tesis de que podría haber sido eta parecía una tesis bastante posible () y tenía (el hecho) de que la policía después dijo que se trataba de un explosivo que se habitualmente utiliza eta en este caso titanini y por la tarde cuando se pensó que el explosivo podría ser otro se empezó a trabajar de una hipótesis o de una tesis completamente diferente que es la tesis islamita y eso ocurrió así tengo que decir que en aquella época yo en las cuestiones que hice y en las llamadas que recibí se me informó por la mañana que la hipótesis era eta y por la tarde se me dijo que se abría con mucha fuerza la hipótesis islamita en función de los explosivos y que por tanto no iba a descartar aquello que tampoco en ese momento se podía descartar la hipótesis de eta no

Jose Antonio apresenta uma estrutura argumentativa *posición + argumento*, não havendo repetição desta estrutura dentro de seu turno. Como o participante termina pelas evidências de seu argumento e supondo que seria seguida a estrutura

do primeiro par desta edição – Isabel/ Margarita – espera-se que o próximo turno se inicie com o argumento. No entanto, Ernesto coloca-se diferente do outro par, seguindo a mesma estrutura de seu antecessor:

Quadro 8: Contraposição/ Contra-Argumento: 4º turno/ 4º participante

4º TURNO/ 4º PARTICIPANTE: ERNESTO	
Contraposição	yo creo que la sección de hoy es muy relevante
Contra-Argumento	y aporta informaciones de matices de horas que no conocíamos. por la mañana () se dice que es titanini y el ministro acebes lo sabe y por la tarde a las dieciocho horas y veinte minutos aproximadamente según el testimonio de los dos >policías responsables policiales< se hace un repaso de la situación y a las dieciocho y veinte repito se le dice acebes que no es titanini qué hace acebes? acebes hace una rueda de prensa a las ocho de la noche ocho y cuarto de la noche de este mismo día jueves y dice que sí el explosivo habitual de eta dice <u>exactamente</u> lo contrario eso se digamos la definición de eso que va en el diccionario es mentir acebes ha mentido <u>descaradamente</u> sabía que no era el explosivo habitual de eta es decir la marca titanini y le dice a la opinión pública española que ese es el explosivo habitual de eta, yo creo que la pregunta de () es muy clara es muy clara y la contestación de pedro díaz pintado es <u>clarísima</u>

Observando a estrutura argumentativa deste segundo par e percebendo que a regra de contigüidade aqui não se aplica, como, então, justificar o diferencial na escolha do elemento de início de turno do par Isabel/ Margarita, se percebemos que a regra de contigüidade não se aplica a outros turnos na seqüência da interação institucional?

Devemos considerar que estamos numa fala institucional de debate em que as posições e argumentos estão em constante disputa no jogo interacional da argumentação que objetiva, segundo Garcia (1971), “convencer ou tentar convencer mediante a apresentação de razões, em face da evidência de provas (...) procurando formar a opinião do ouvinte, tentando convencê-lo de que a razão está com quem fala, está de posse da verdade” (cf. Garcia, 1971: 361-2). Nessa disputa, as questões consideradas relevantes por serem foco de debate e possíveis

pontos de discordância são priorizadas na fala do participante, pois é a partir delas que os argumentos e os contra-argumentos vão sendo construídos. Segundo Penteadó (1964 *apud* Garcia, 1971), é importante começar a argumentação refutando o argumento que lhe pareça mais forte, pois ao fazer isso, o participante entra na disputa para “convencer” ou “tentar convencer” os outros participantes e a audiência em conjunto, de que ele é o conhecedor do assunto, de que ele “está de posse da verdade” e que, portanto, sua argumentação é a mais correta.

Dessa forma, o início de turno oposto ao de Isabel, em termos de estrutura, além de poder justificar-se pela regra de contigüidade de ações na seqüência da interação, pode também ser explicado pelo objetivo de Margarita em priorizar uma informação que ela considera equivocada na fala de sua interlocutora. Percebemos que ao repetir a estrutura da posição de Isabel *>a mí me parece< que la actuación fue impecable*, a participante vai de encontro ao termo *impecable*, que define a atuação dos policiais de forma perfeita, sem erro algum na investigação. Essa posição de Isabel é alvo de discordância imediata de Margarita e, portanto, mencionada logo no início de seu turno, porque segundo ela, há evidências de que a atuação não foi tão perfeita assim.

Se comparada a estrutura argumentativa do primeiro par desta edição – Isabel/ Margarita - com a do segundo par – Jose Antonio/ Ernesto - percebemos que nesta, a estrutura se apresenta de forma mais simplificada: uma posição seguida de um argumento e uma contraposição seguida de um contra-argumento. Em ambas, grande parte do turno é dedicada às evidências que sustentam os argumentos. De acordo com a justificativa da priorização, podemos afirmar que o segundo turno deste par tem apenas duas informações a considerar relevante: a posição do interagente ou seu argumento, considerando que este contém a seqüência de fatos do dia do atentado. Como opor-se a essas evidências leva um tempo muito maior considerando a extensão do turno dedicado a elas, o falante prioriza a posição que é mais curta, para então dedicar-se às evidências do argumento.

Outro aspecto interessante nas estruturas argumentativas é a diferença no tempo de fala destinado à defesa de posição e à apresentação do argumento que sustenta tal posição. Em oitenta por cento do corpus², a defesa da posição ocupa

² A porcentagem calculada nesta análise foi feita de forma manual pela pesquisadora, a partir da observação de cada turno das edições que compõem o corpus deste trabalho. Não há, portanto no

um tempo bem menor se comparado ao argumento, inclusive quando esses componentes se apresentam discordantes na interação, como contraposições e contra-argumentos. De um tempo de fala de cinquenta e nove segundos, cinco a quinze segundos aproximadamente são destinados ao componente *posição* na estrutura argumentativa do turno, o que nos leva a afirmar que o argumento precisa de um tempo maior para sua apresentação, enquanto expressar a posição tende a ser uma atividade mais rápida na interação.

Podemos concluir que a estrutura argumentativa da discordância se constrói em torno de um tópico no qual os participantes são chamados a expor sua posição e a defendê-las, através de evidências cabíveis à função de jornalistas que desempenham, supostamente conhecedores dos acontecimentos sociais e políticos da atualidade. Nessa estrutura *Posição + Argumento*, as evidências ocupam um papel essencial na sustentação da defesa, pois são elas que determinam na interação institucional o quanto tal participante é conhecedor da “verdade” e, portanto, tendo o seu argumento como o mais próximo do correto.

4.2. A Estrutura Marcada da Discordância

O estudo de Pomerantz (1984) sobre os turnos avaliativos apresenta a discordância como um ato não-preferido, marcado discursivamente através de mitigadores ou adiamentos que atrasam a ação principal do turno, ou seja, a ação de discordar.

Embora consideramos que a discordância em nossos dados possui um status menos evitável, não significa que ela não possa ser formatada como uma ação evitável, ou seja, marcada discursivamente, como propõe a AC. Verificamos que os turnos discordantes em sua maioria se apresentam marcados por prefácios, repetições e estratégias de mitigação. Enquanto esta última é melhor abordada posteriormente, no item 4.3.1, as estruturas de adiamento são analisadas a seguir.

Ao debater o subtema da carta entregue em audiência nacional por Diaz de Mera, o participante Jose Maria discorda de um turno anterior, o de Isabel, de forma atrasada, com a realização de um prefácio e de repetições parciais. Neste

resultado desses cálculos, uma precisão exata sobre os valores encontrados. Eles servem apenas de orientação para nossa análise lingüística da estrutura argumentativa.

turno de Isabel, a participante menciona um acontecimento passado que levou a prisão de um policial por “falar” com o jornalista Fernando Lázaro, correspondente do jornal espanhol *El Mundo*:

(7)

[1 - II; 4ª D – Isabel; 00:17:02]

108 protegerlo de quién? de como por ejemplo irse a la
109 cárcel como lo que pasó a un policía encarcelado por
110 hablar con fernando lázaro periodista >del mundo< y
111 que tuvo que salir de la cárcel bajo fianza por
112 >cuestación popular<

No trecho acima, a participante contra-argumenta o turno anterior ao seu, em que Margarita expõe sua posição argumentando que a opinião pública deve saber o nome do policial responsável pela informação sobre o relatório da suposta participação do grupo ETA no atentado de 11M:

(8)

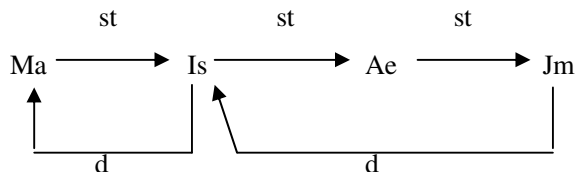
[1 - II; 3ª D – Margarita; 00:15:59]

85 además a mi me parece que hay una cosa muy grave, el
86 señor díaz de mera se ha expurgado a hablar el nombre
87 del policía porque puede ser objeto de múltiples
88 presiones de riesgos infinitos que pasa? que hay en este
89 país una mafia? que un policía un servidor del estado
90 no se puede conocer su nombre previamente y no se
91 puede conocer lo que dijo o lo que no dijo? estamos en
92 sicilia? a qué se refería el señor díaz de mera cuando
93 decía que tenía que protegerlo yo pregunto? y me
94 gustaría que el magistrado que preside el juicio le dijera
95 protegerlo de que? o de quien?

A partir do turno de Margarita, Isabel apresenta, como mostrado no exemplo (7), uma evidência que justifica o possível motivo para acobertar o nome do policial envolvido, uma vez que, no passado, outro policial já havia sofrido represálias por ter seu nome divulgado por “falar” com a imprensa, no caso, como informante do jornalista Fernando Lázaro.

Como forma de esclarecer esta sequência de turnos do programa, recorreremos à figura abaixo:

Figura 6: Seqüência de Turnos Discordantes.



Legenda:

st = Seqüência de Turnos;

d = Discordância de um Turno ao Outro;

Ma = Margarita;

Is = Isabel;

Ae = Angel;

Jm = Jose Maria.

Embora o turno de Jose Maria não se realize diretamente após o de Isabel - entre eles há a fala de Angel que se isenta da discussão sobre a revelação do nome do policial e suas conseqüências - Jose Maria, ao proferir seu turno, discorda de Isabel, porém não o faz imediatamente, iniciando seu turno com um prefácio em que apresenta sua posição em relação ao tema seguida do argumento que sustenta tal posição:

(9)

[1 - II; 6º D – Jose Maria; 00:18:56]

143 la pregunta a la que hemos estado es que cabe al señor
144 diaz de mera se tiene una hipótesis si tiene un informe
145 lo que tiene que hacer es presentar este informe y si no
146 presenta el informe lo que tenemos que pensar además
147 es que está mintiendo porque es evidente que el único
148 informe que hay demuestra punto por punto que no hay
149 la menor vinculación de la banda terrorista eta y el
150 atentado del once eme,

Neste início de turno, observamos que a posição de Jose Maria é a de revelar o relatório mencionado por Diaz de Mera, se de fato ele existe. Sua posição é sustentada pelo argumento de que o único relatório existente demonstra que não há a menor vinculação entre o atentado e o grupo ETA. Só a partir deste ponto é que Jose Maria inicia sua discordância ao turno de Isabel, sendo claramente percebido por ela que o interrompe:

(10)

[1 - II; 6º D – Jose Maria; 00:19:11]

150 hay policías que cometen delitos
 151 y se van a la cárcel igual que hay periodistas que
 152 cometen delitos y se van a la cárcel no todos los
 153 policías son buenos por definición hay algunos que
 154 cometen delitos y que por tanto

[1 - II; Isabel; 00:19:20]

155 [hablar con un periodista >(un periodista)<]

[1 - II; 6º D – Jose Maria; 00:19:21]

156 [()] si es
 157 si posible acabar si: posible acabar yo: agradezco el
 158 detalle, hay policías que cometen delitos y se van a la
 159 cárcel como cualquier ciudadano en este país lo que ha
 160 hecho el señor diaz de mera ha sido abordarse a una
 161 emisora diciendo que tenía una gran exclusiva y fuese y
 162 no hubo nada y cuando () fue este señor no puede
 163 reservarse la fuente tiene que decir la que apuntaba las
 164 cosas porque si no le pasara lo que ha pasado a juanez
 165 que le ha multado por no colaborar (predictamente) con
 166 la justicia que es la obligación de un policía y claro este
 167 señor estaba en autoridad de policía acebes de ministro
 168 y () responsable en qué >mano hemos estado<

O participante ao discordar do anterior o faz com marcas de atraso através de uma estrutura comparativa, utilizando termos repetidos que abrangem em termos gerais os dois tipos de pessoas envolvidas na questão em debate: o policial e o jornalista. Antes de ser interrompido, Jose Maria repete os termos *cometen delitos* – três vezes – e *se van a la cárcel* – duas vezes – não especificando de inicio sua discordância em relação à informação dada por Isabel sobre a prisão do policial envolvido com o jornalista. Quando o participante afirma que tanto policiais quanto jornalistas podem cometer delitos e serem presos e que nenhum dos dois é considerado bom por definição, ele abre um leque de possibilidades de referentes. No entanto, Isabel, através da inferência conversacional (Gumperz, 1982a, 1999b), percebe a intenção de seu companheiro de debate e o interrompe chamando-o para o que está sendo dito, e com sua fala [hablar con un periodista> (l. 155) mostra que sabe a que se refere Jose Maria e deixa claro no debate que entendeu que se tratava de uma discordância a sua fala. É como se Isabel

afirmasse: *é disto que estamos falando*; um policial foi preso por falar com um jornalista e não qualquer policial e muito menos qualquer jornalista. Ela traz a informação de um campo macro, apresentada por Jose Maria, para um campo micro da informação.

Após a interrupção de Isabel, Jose Maria ainda usa a repetição dos termos *cometen delitos* (l. 158) e *se van a la cárcel* (l. 158 – 159) como uma forma de atraso ao ato principal da discordância que é contra-argumentar a evidência apresentada por Isabel de que o policial foi preso por “falar” com o jornalista. Segundo o participante, o policial Juanez não foi preso por seu envolvimento com Fernando Lázaro e sim por não colaborar com a justiça que é o dever de toda autoridade policial.

Portanto, no turno de Jose Maria observamos que o participante utiliza a repetição e o prefácio para atrasar o ato principal do turno que é discordar da evidência apresentada por Isabel. Essa discordância só é de fato percebida no fim de seu turno quando ele apresenta numa contra-argumentação a evidência que Isabel não mencionou, de que o policial não foi preso apenas por dar uma entrevista ao jornalista Fernando Lázaro.

Na estrutura destes três turnos - Ma, Is e Jm³ - percebemos a presença da seqüencialidade no andamento da interação. Isabel ao discordar de Margarita o faz numa seqüência de par adjacente, sendo a posição de Margarita desafiada por Isabel. O mesmo ocorre no turno de Jose Maria em relação ao de Isabel.

Ao observar os pares adjacentes da interação em curso em nossos dados, notamos que o segundo par, ao apresentar-se discordante, segue a estrutura do anterior. Por exemplo, se o turno A é marcado por uma posição forte, o turno B tende a ter uma contraposição também forte. O mesmo ocorre ao contrário. Se o turno A se mostra menos forte em sua posição, o B seguirá esta conduta. Observemos as posições defendidas nos turnos de Isabel e Margarita, respectivamente, em relação ao primeiro tema, subtema I:

(11)

[1 - I; 1ª D – Isabel; 00:04:03]

22

>a mí me

23 parece< que la actuación fue impecable

³ Cf. a figura 6 deste capítulo.

[1 - I; 2ª D – Margarita; 00:04:18]

30 bueno, vamos yo creo que la actuación no fue en
31 absoluto impecable

Margarita se posiciona de maneira direta e com uma discordância forte em relação à Isabel, demonstrando que numa sequência de par adjacente, a segunda parte do par - Margarita – se orienta para a primeira parte num enquadre interpretativo (Duranti, 1997), demonstrando que interpretou esta primeira parte e a desafia numa contraposição. Como observado no item 4.1, relativo à estrutura argumentativa, o termo *impecable* usado por Isabel marca sua posição forte, não deixando margem a um possível erro da investigação sobre o atentado de 11M. Dessa forma, Margarita precisa de uma contraposição também forte para que possa ter o mesmo peso na disputa em andamento no debate. Portanto, o uso da mesma estrutura que sua oponente marca a sequência forte realizada através de um par adjacente.

De forma oposta, porém usando a mesma estratégia, Jose Antonio e Ernesto defendem suas posições da seguinte forma:

(12)

[1 - I; 3º D – Jose Antonio; 00:05:22]

50 a mí me parece que no porta nada nuevo porque son
51 muy concientes con lo que dijeron ya en la comisión en
52 su momento

[1 - I; 4º D – Ernesto; 00:06:20]

68 yo creo que la sección de hoy es muy relevante y aporta
69 informaciones de matices de horas que no conocíamos.

Jose Antonio apresenta sua posição de que as declarações dos policiais no julgamento do 11M não acrescentam nada ao que já é de conhecimento da opinião pública. Ernesto, que evidentemente discorda do turno anterior, o contrapõe com a posição de que tal declaração é relevante, pois informa sobre períodos de tempo

que até então não eram conhecidos. Como Jose Antonio apresenta sua posição menos forte, se comparada ao turno anterior ao seu, o de Isabel, Ernesto também segue esta linha discordando com uma contraposição de mesma força na disputa, ou seja, menos forte, sendo caracterizada por sua forma indireta de discordar. Não seria necessário Ernesto realizar uma discordância forte do porte de Margarita, visto que seu opositor não se apresenta assim. Portanto, é possível perceber que o segundo par se orienta não só “pelo o que acabou de ser dito” (Pomerantz e Fehr, 1997: 69), mas também por como foi dito, para então desenvolver a discordância na sequência da interação.

Ainda discutindo a questão da discordância fraca ou forte, notamos que alguns participantes sempre discordam de forma mais fraca, enquanto outros sempre o fazem através de uma estrutura mais forte, não importando o grupo de debatedores no qual estão inseridos ou o tema que discutem. Isabel é exemplo de estrutura forte, nas edições que participa, assim como Margarita, turnos já analisados anteriormente. No entanto, Jose Antonio, um participante que está presente em apenas uma edição de nossos dados, se destaca não só por discordar de forma mais fraca que seus companheiros de debate, mas também por isentar-se dos assuntos discutidos. No exemplo a seguir podemos observar esta questão:

(13)

[1 - II; 2º D – Jose Antonio; 00:13:28]

27 pero yo en la cuestión >perdón< de diaz de mera no
28 quiero vamos no quiero entrar porque me parece que yo
29 desconozco cual es la información que él tiene creo que
30 cuando uno habla de un tema tiene que tener una
31 seguridad sobre ese asunto y de lo que está hablando y
32 por tanto se no la tiene pues ha hecho mal en esbozar
33 algo de lo que después se no puede dar una cuenta
34 razonablemente por tanto vamos a ver que pasa con la
35 comparación si es que me imagino que habrá del policía
36 o de los policías implicados y vamos a ver como se
37 desarrolla en el juicio este asunto en principio, yo creo
38 que cuando uno dice algo tiene que tener información
39 para poder demostrar lo que se dice y no sé si la tiene el
40 señor diaz de mera por tanto habrá que esperar >(el
41 receso del pasadillo)< que sí creo que es importante en
42 cualquier caso es que () el tema de las posibles
43 conexiones con eta porque alguna conexión con eta si
44 que parece que hay no en lo que se refiere a la autoría
45 pero sí que había conexiones de chino había conexiones
46 de >gentes que estaban en el mundo< de los islamitas y
47 que conocieron gente de eta=

Após ser chamado pela mediadora para comentar sobre a carta de Diaz de Mera, Jose Antonio usa a maior parte de seu turno para isentar-se deste comentário, afirmando que não quer posicionar-se sobre este assunto, pois segundo ele, quando uma pessoa fala de um tema precisa ter domínio sobre o assunto. Apenas no final de seu turno – a partir da metade da linha 41 - é que o participante acrescenta algo novo à discussão: investigar as conexões entre ETA e a linha islamita. Em termos matemáticos⁴, podemos dizer que oitenta por cento de seu turno é dedicado a um não-posicionamento. Desta forma, ele se coloca como alguém que não domina o ocorrido com Diaz de Mera.

A apresentadora, no decorrer da discussão deste subtema, convoca novamente Jose Antonio e ele mais uma vez se isenta sobre a questão *Diaz de Mera*, afirmando que a explicação deve ocorrer por parte do ex-Diretor Geral da Polícia, não cabendo a ele posicionar-se sobre este tema. Portanto, ele mais uma vez não atende ao comando da mediadora, de comentar a carta entregue em audiência nacional. No exemplo a seguir é retratado o início do turno de Jose Antonio em que ele menciona Diaz de mera:

(14)

[1 - II; 7º D – Jose Antonio; 00:19:54]

169	diaz de mera evidentemente tiene la respuesta que tiene
170	por el cargo que ocupó y él tendrá que aclarar el asunto
171	de la mejor forma en el consejo oportuno y presentando
172	los informes que tenga que presentar

Dessa vez, Jose Antonio usa um tempo menor para isentar-se sobre o assunto, esclarecendo de inicio que é Diaz de Mera quem deve explicar a situação em que está envolvido.

O interessante de observar nesses dois turnos de Jose Antonio é que ao mesmo tempo em que o participante prefere não ter uma posição, esta isenção se torna o seu posicionamento, pois, isentar-se sobre o assunto é uma forma de posicionar-se sobre ele. Além disso, o não dominar o assunto não condiz com sua

⁴ Cf. nota 23.

função institucional na interação. Cabe aos participantes do debate discutir sobre os temas da mesa e a carta de Diaz de Mera é um tema. Como, então, afirmar que por não dominar o assunto não poderá emitir uma posição? É uma conduta não esperada de um participante num debate televisivo, o que nos deixa margem a outra interpretação, a de que Jose Antonio realiza com seu posicionamento neutro uma discordância em relação a seus companheiros de debate, que se posicionam todo o tempo e que nem sempre possuiriam domínio sobre o debatido. Quando Jose Antonio afirma, em seu primeiro turno, que *cuando uno habla de un tema tiene que tener una seguridad sobre ese asunto* (l. 30 – 31), o termo *uno* se refere a qualquer pessoa e não só a Diaz de Mera, o que torna esse posicionamento discordante de forma ambígua, ou ele se refere a Diaz de Mera e sua carta, ou aos outros participantes que debatem desde o primeiro subtema – este é o segundo - o suposto envolvimento da organização ETA no atentado de 11M. Como observamos o ato da discordância na interação, podemos inferir que o ato se direciona aos participantes de forma fraca e indireta, e sua aparente falta de posição, na verdade se constitui na própria discordância, sendo no processo de seqüencialidade, uma estrutura de contraposição.

4.3. A Realização da Discordância

A realização da discordância ocorre de duas formas específicas em nosso corpus: ou ela ocorre de forma direta, como observado no exemplo (11) no item 4.2, em que Margarita discorda diretamente de Isabel; ou pode ocorrer também de forma indireta, como no exemplo (12), do mesmo item, na voz do participante Ernesto que usa da indiretividade para marcar sua contraposição. Tanto a forma direta quanto a indireta podem ser realizadas através de estruturas de mitigação.

Apesar de considerar a discordância no contexto argumentativo institucional de nossos dados uma ação não-evitável, percebemos que ao realizar a discordância, os participantes envolvidos no debate utilizam recursos que mitigam o ato e outros que instigam o conflito.

Analisemos de forma separada esses dois recursos.

4.3.1. Os Mitigadores

Segundo Brown e Levinson (1987), o AAF⁵ é suavizado através de estratégias de polidez, utilizadas pelo falante na tentativa de preservar a harmonia da interação e a mútua face, a do ouvinte e a do falante. Como estratégia de polidez, o interagente se apropria de recursos, como os mitigadores, para minimizar a força do ato, considerado por ele, num determinado momento ameaçador à face dos envolvidos na situação de fala em questão.

Apesar de a discordância ser considerada por Brown e Levinson (1987) como um ato que causa a desarmonia da interação, sendo considerado um AAF do ouvinte, assumimos que a abordagem contextual deve ser levada em consideração e, que, portanto, o contexto da interação deve ser relevante para a análise do que é ameaçador ou constituinte da situação de fala em estudo. Em nossos dados de contexto argumentativo, em que há um conflito de posições, a discordância é um ato constituinte deste contexto, na medida em que ao defender suas posições, os participantes tendem a discordar de seus interlocutores.

No entanto, o fato desta situação de fala propiciar um confronto de posições, não significa que tais posições precisam ser defendidas em um conflito declarado. Os participantes identificam este tipo de confronto e utilizam mitigadores como adiamentos da ação de discordar, numa estratégia de polidez e de manutenção de face. Observemos novamente a fala de Margarita:

(15)

[1 - I; 2ª D – Margarita; 00:04:18]

- 30 bueno, vamos yo creo que la actuación no fue en
31 absoluto impecable

Em sua contraposição, Margarita faz uso de três minimizadores – *bueno*, *vamos* e *yo creo* (l. 30) - usados para diminuir o impacto de seu ato que vem a seguir - *la actuación no fue en absoluto impecable* (l. 30 - 31) - uma discordância direta e forte. Os minimizadores são incluídos por Brown e Levinson (1987: 145 - 172) nas estratégias de polidez negativa, em que o ouvinte não deve ser coagido

⁵ Ato de Ameaça à face. Cf. item 2.2, relativo ao capítulo da teoria deste trabalho.

pelo falante (1987: 131). Sendo assim, Margarita realiza o ato da discordância, porém o suaviza na tentativa de diminuir a força de seu ato.

O marcador de opinião *yo creo* presente na fala de Margarita é um recurso usado por todos os participantes do debate, não apenas expresso nesta forma, mas também em outras que possuem a mesma função discursiva no idioma espanhol como *me parece*, *en mi opinión* e *yo pienso*.

Os marcadores de opinião funcionam como minimizadores que em Brown e Levinson (1987) são relativos à qualidade da elocução, ou seja, “o falante não toma total responsabilidade pela verdade de sua elocução⁶” (1987: 164). Ao proferir *eu acho*, o falante se apresenta como alguém que não tem total certeza sobre o conteúdo de sua fala. Em nosso corpus essa afirmação não se justifica porque vai de encontro ao papel institucional do debatedor: um jornalista, na posição de conhecedor dos acontecimentos políticos e sociais que envolvem as discussões abordadas no programa. Se este debatedor não domina os temas em pauta, ele não se insere nessa interação. Dessa forma, não há como afirmar que ao usar um marcador de opinião, o debatedor não está seguro sobre a informação proferida em seu turno.

Ao analisar o corpus do trabalho, notamos que nos oitenta e oito turnos analisados, há a presença em média de um a três marcadores de opinião por turno. No quadro a seguir é retratado o total de vezes que são mencionados esses marcadores no decorrer do programa:

Quadro 9: Marcadores de Opinião.

MARCADORES DE OPINIÃO	Nº DE VEZES DA OCORRÊNCIA
Yo creo	27
Creo	19
Me parece	16
A mi me parece	9
Yo pienso	3
A mi juicio	2
En mi opinión	1
Total:	77

⁶ Tradução nossa.

Os marcadores *yo creo* e *creo* se apresentam como os mais usados pelos participantes, num total de quarenta e seis usos, o que corresponde a cinquenta e nove por cento do total dos marcadores utilizados no debate, o que mostra a preferência dos debatedores pelo uso destes marcadores em detrimento de outros. O termo *me parece* ocupa a terceira posição com uma boa frequência de dezesseis usos e seu correspondente em significado, *a mi me parece*, ocupa a quarta posição com nove usos. Os menos frequentes são os marcadores *yo pienso* com três aparições, *a mi juicio*, com duas e *en mi opinión* com apenas uma.

Os marcadores *a mi me parece/me parece* e *yo creo/ creo* embora tenham, cada par, o mesmo significado entre si, estão colocados em colunas separadas, pois há uma diferença na força ilocucionária destes termos. Ao colocar o *a mi* e o *yo*, respectivamente antes de *me parece* e *creo*, o falante dá uma ênfase maior a sua opinião, uma vez que tanto a colocação do *a mi* quanto do *yo* são irrelevantes à estrutura construída e ao seu significado. Portanto, ao dar ênfase, o falante intensifica o ato de marcar a opinião.

Dessa forma, os marcadores de opinião presentes em nossos dados apontam a duas direções: a primeira se refere a uma estratégia de polidez na qual o falante se utiliza do marcador para minimizar o ato da discordância na defesa de sua posição. A segunda remete à posição de um especialista sobre o assunto em foco. Como jornalista, o participante está institucionalmente apto a opinar apresentando posições que numa situação de fala pública tendem a serem consideradas verdades possíveis de serem aceitas e seguidas pela opinião pública. Portanto, o marcador de opinião na voz de um especialista exerce uma função de maximizador de força. É importante ressaltar que o especialista não emite meramente uma opinião. Ao argumentar ou posicionar-se sobre um assunto, ele se torna a voz do conhecimento, exatamente por ter sobre ele um status de especialista.

Retomando Holmes (1995) que enfatiza que o *eu acho* deve ser analisado segundo a função que exerce no contexto em que é empregado, podendo então ser considerado um minimizador do ato ou um maximizador na estrutura, notamos, por fim que os marcadores de opinião ditos pelos debatedores do programa possuem uma função ambígua no sentido de minimizar o ato, atrasando a discordância, e também maximizar sua opinião como um especialista no assunto. Portanto, o marcador de opinião se torna ao mesmo tempo uma estratégia de

polidez e um enfatizador de seu conhecimento, o que faz os participantes proferirem com muita frequência termos como *eu acho*, *em minha opinião*, etc, como observado no quadro 9.

Esta abundância de marcadores de opinião é significativa a nosso estudo, pois reflete uma tendência cultural no espanhol, que o mostra como polido na interação, apesar de participar de uma situação de fala em que o confronto é iminente.

4.3.2. Os Instigadores

Enquanto há recursos que minimizam o ato de discordar como observado no item anterior, há outros que o acentuam, instigando a discordância ou se tornando o ponto de partida dela. As perguntas retóricas são exemplos deste recurso usado pelo falante. Nos turnos de Margarita e Isabel, exemplificados abaixo, as perguntas retóricas estão presentes, porém com funções diferentes para cada participante:

(16)

[1 - II; 3ª D – Margarita; 00:15:59]

85 además a mi me parece que hay una cosa muy grave, el
86 señor díaz de mera se ha expurgado a hablar el nombre
87 del policía porque puede ser objeto de múltiples
88 presiones de riesgos infinitos que pasa? que hay en este
89 país una mafia? que un policía un servidor del estado
90 no se puede conocer su nombre previamente y no se
91 puede conocer lo que dijo o lo que no dijo? estamos en
92 sicilia? a qué se refería el señor díaz de mera cuando
93 decía que tenía que protegerlo yo pregunto? y me
94 gustaría que el magistrado que preside el juicio le dijera
95 protegerlo de que? o de quien?

[1 - II; Ana; 00:16:34]

96 quiero >preguntarles tam<bién para este lado de la
97 mesa la credibilidad () el testimonio de diaz de mera
98 pero también por otras declaraciones () en la radio
99 nacional ayer en las que decía que los hechos son los
100 hechos que ahora la justicia es diligente el gobierno de
101 aznar decía que en el momento no hay conexión de eta c
102 on el once eme Isabel a ti qué te parece estas
103 declaraciones [hasta ahora]

[1 - II; 4ª D – Isabel; 00:16:51]

104 [a mí me pa]rece que lo que uno vamos
 105 lo que más apunta una posible conexión es el empeño
 106 feroz quien por parte del gobierno en >esmerarla< y
 107 entorpecer cualquier investigación es lo que a mí más
 108 me escama, protegerlo de quién? de como por ejemplo
 109 irse a la cárcel como lo que pasó a un policía
 110 encarcelado por hablar con fernando lázaro periodista
 111 >del mundo< y que tuvo que salir de la cárcel bajo
 112 fianza por >cuestación popular< protegerlo de quién?
 113 de un linchamiento como que sufrieron unos peritos por
 114 parte de algunos medios de comunicación
 115 >concretamente< de dos periódicos de tiraje nacional y
 116 de algunas fuerzas () hasta que resulta que los
 117 procesados los sentaron en un banquillo enfrente a sus
 118 jefes cosa que a ellos se le sometieron un auténtico
 119 linchamiento público, protegerlos de eso claro que hay
 120 miedo en la policía por parte de la policía a revelar
 121 determinadas cosas y hablar con determinadas personas
 122 hay miedo porque hay represalias no sé si dice la
 123 verdad diaz de mera o los policías ambos me parecen la
 124 mayor dignidad y creo que lo tendrá que determinar el
 125 tribunal pero lo que me parece es que existen razones
 126 fundad^ísimas para que esos policías tengan miedo
 127 porque han habido compañeros suyos que han tenido
 128 graves represalias por hablar con periodistas ()

A participante Margarita critica em seu turno a decisão de Diaz de Mera de não revelar o nome do policial envolvido no relatório que implica o grupo espanhol ETA no atentado de Madri. Ela compara a decisão de Diaz de Mera com o sistema da máfia - *que pasa?, que hay en este país una mafia?* (l. 88 – 89) e *estamos en sicilia?* (l. 91 – 92) - no qual seria perigoso revelar o nome do informante porque este poderia sofrer “riscos infinitos”. Na realização desta crítica, a participante se engaja numa sucessão de perguntas sem objetivar uma resposta da mesa, ou seja, dos outros debatedores; são perguntas retóricas usadas por Margarita no desenvolvimento de sua posição sobre o tema. Com as duas últimas perguntas *yo pregunto? y me gustaría que el magistrado que preside el juicio le dijera protegerlo de que? o de quien?* (l. 93 – 95), Margarita encerra seu turno se dirigindo a participantes que não estão presentes no debate, considerados indiretos⁷, os juízes que presidem o julgamento sobre o atentado.

⁷ Cf. capítulo 3, item 3.1.2 que trata dos participantes diretos e indiretos do programa 59’.

Isabel em sua contraposição utiliza a pergunta retórica *protegerlo de quien?* (l. 108) proferida por Margarita na linha 95, e a responde com argumentos que vão de encontro à posição de sua interlocutora, sobre não revelar o nome do policial envolvido. Neste momento, a pergunta considerada retórica no primeiro turno se torna, na voz de Isabel, uma pergunta direta à mesa e que requer uma resposta, sendo ela a debatedora que se prontifica a responder.

Isabel, então, repete a pergunta *protegerlo de quien?* (l. 108 e 112) duas vezes e a responde numa terceira vez *protegerlos de eso* (l. 119). Para cada pergunta repetida há a apresentação de uma evidência baseada numa comparação com outros fatos. Primeiro ela compara com o policial preso por falar com o jornalista Fernando Lázaro – observado no item 4.2 – e segundo, com o ocorrido com peritos que sofreram um linchamento moral pelos meios de comunicação e pela opinião pública. Com esses dois argumentos, Isabel deixa claro sua concordância com a decisão de Diaz de Mera e, por conseguinte, marca sua discordância direta ao turno do participante anterior.

Percebemos então, como as perguntas retóricas e repetidas podem ser ferramentas que instigam a discordância fazendo-a avançar, usadas numa estrutura argumentativa de contraposição e contra-argumento. Nossos dados nos levam a discordar de Pomerantz (1984) em relação às questões repetidas. Segundo a autora, as repetições parciais são consideradas atrasos na realização da discordância, sendo interpretadas como pedidos de esclarecimento de uma avaliação não entendida. As perguntas repetidas, no entanto, não entrariam como regra, segundo nosso corpus, nesta forma de atraso. Observamos no item 4.2 que as repetições atrasavam o ato do participante Ernesto de discordar, que as realizou num total de três a quatro vezes antes de concretizar o ato principal. Com as perguntas, notamos que o mesmo não ocorre.

Da mesma forma, encontramos resultados diferentes ao observado por Georgakopoulou e Patrona (2000) em seu estudo sobre a discordância em um debate grego. Os autores observam que a discordância é realizada através de estratégias de mitigação como os marcadores de polidez e as questões repetidas. No caso destas últimas, eles não as consideram como atrasos de discordância – como o faz Pomerantz (1984) – e muito menos as interpretam como uma forma de evitar o conflito. Para os autores, as questões repetidas são percebidas pelo interlocutor que as interpreta como um desafio, não as produzindo como questões

verdadeiras e sim como questões retóricas que desafiam a posição do outro falante. Em nossos dados, as questões repetidas não são a causa do desafio. Este papel é realizado pela pergunta retórica, como no exemplo (16) em que Isabel transforma a pergunta retórica de Margarita em ponto de partida da discordância e, portanto, merecedora de uma resposta. Sendo assim, as questões repetidas não atrasam e nem mitigam, pelo contrário, elas são o alvo da discordância e se desvinculam da retórica inicial ao mudar de turno, exercendo funções específicas de um turno a outro na interação.

Antes de Isabel iniciar seu turno no exemplo (16), a apresentadora relata uma declaração feita pelo governo de que não há até o momento provas de uma conexão de ETA com o atentado de Madri. A partir dessa informação, a mediadora pede o posicionamento de Isabel. Cabe dizer que antes de escolher o próximo debatedor, a mediadora é influenciada pelo pedido de Isabel, durante a fala de Margarita, de ser a próxima participante a ter o piso conversacional, e durante a fala da mediadora, Isabel novamente pede o piso com o gesto de levantar o dedo indicando que quer ser a próxima a falar, sendo então, atendida pela apresentadora.

O gesto de pedir o turno e a postura de inquietação durante a fala de Margarita e Ana são entendidos na interação como pistas de contextualização que assinalam as pressuposições contextuais. Através dessa pista não-lingüística, a falante sinaliza que tem algo importante a dizer e que precisa ser dito naquele momento. O ouvinte, Ana, detentora do poder de alocação de turno na interação institucional, interpreta o traço não-lingüístico, permitindo que a outra profira o turno. O significado deste enquadre é estabelecido entre as duas através desses traços que demonstram, segundo Gumperz (1982a, 1982b), que as interpretações são conjuntamente negociadas por falantes e ouvintes, sendo a comunicação uma atividade social que requer esforços coordenados de dois ou mais indivíduos.

Outro recurso presente em nossos dados que serve de avanço da discordância é a realização do reparo, usado segundo a AC para corrigir possíveis perturbações no andamento da interação. Os reparos encontrados nos dados são de dois tipos: os que são iniciados pelo falante do problema e por ele resolvidos – trajetória (i) – e os que são iniciados e resolvidos pelo interlocutor – trajetória (ii). Estas duas trajetórias de reparo são características porque são realizadas em sua totalidade pelo falante da unidade de construção de turno vigente. Não há a

ocorrência de reparo iniciado por um falante e resolvido por outro, o que se justifica pelo tipo de programa em análise que não permite aos participantes a interrupção de turnos. Quando isto ocorre não se dá em forma de diálogo, mas sim em curtas intervenções ou falsas interrupções. Apenas retomando o capítulo da teoria, denominamos *interrupção* quando o falante toma o turno de tal maneira que infringe o direito do outro de continuar falando, numa tomada de piso conversacional. A interrupção pode ser realizada com sobreposição de falas ou sem sobreposição. Já a *intervenção* ocorre quando o falante momentaneamente toma o turno de seu interlocutor, porém sem conseguir o piso conversacional, ou seja, o falante que sofre a intervenção retoma seu turno e prossegue sua fala. Este mesmo processo ocorre numa *falsa interrupção* no qual o falante também toma o turno momentaneamente, sem tomar o piso, porém o faz num lugar relevante de transição, não havendo a sobreposição de falas⁸.

Dos cinco casos de intervenções registrados nos dados, em apenas um (o segundo) ocorre uma falsa interrupção na qual o falante consegue o turno momentaneamente por um tempo menor (vinte e quatro segundos) do estipulado a cada participante para seu turno de fala⁹, sendo retomado imediatamente ao falante anterior para que reinicie seu turno ou dê continuidade à fala antes interrompida. Nas outras quatro intervenções, as duas primeiras (a primeira e a terceira) ocorrem em curtas sobreposições, em dois segundos e três segundos respectivamente, sem a ocorrência de reparos, enquanto nas duas últimas (a quarta e a quinta) os reparos estão presentes e desencadeiam a discordância com sobreposição de falas, sendo que a quarta dura apenas dois segundos, enquanto a quinta leva um tempo maior de doze segundos. Essas intervenções são resumidas no quadro a seguir:

⁸ Cf. figura 1 no capítulo 2, item 2.1.

⁹ Vale lembrar que cada participante possui o tempo de cinquenta e nove segundos para proferir seu turno.

Quadro 10: Intervenções de turno

OCORRÊNCIA	TEMPO	SOBREPOSIÇÃO DE FALA	TOMADA DE TURNO	REPAROS/ TRAJETÓRIA	DISCORDÂNCIA
1ª	2 segs	SIM	NÃO	NÃO	NÃO
2ª	24 segs	NÃO	SIM*	NÃO	NÃO
3ª	3 segs	SIM	NÃO	NÃO	NÃO
4ª	2 segs	SIM	NÃO	SIM / (ii)	SIM
5ª	12 segs	SIM	NÃO	SIM / (ii)	SIM

* Falsa interrupção: tomada de turno momentânea.

O quadro 10 nos mostra duas informações relevantes. A primeira constata que as intervenções realizadas sem reparos não levam à discordância, enquanto nas que ocorrem reparo a discordância está presente. A segunda observação ligada à anterior diz respeito ao tipo de trajetória de reparo que leva à discordância que é o reparo iniciado e resolvido pelo interlocutor, ou seja, quando o interlocutor aponta um problema no turno anterior e oferece resolução para este problema. A sequência de turnos a seguir exemplifica a realização deste tipo de reparo:

(17)

[1 - III; 2ª D – Isabel; 00:26:48]

18 () no hay ningún tipo de separación de posibilidad de
 19 haber un proceso político al margen de las pistolas todo
 20 eso ha sido un deli:rio del gobierno nunca ha existi:do
 21 se ha demostrado y lo que tenía que hacer el gobierno
 22 ahora es intensificar la lucha contra el terrorismo de eta
 23 y por supuesto instar la ilegalización del partido
 24 comunista a las tierras vascas cuyo organizador de la
 25 campaña electoral es un miembro del grupo (donosti)
 26 detenido el otro día y el que le sujeta el paraguas al lado
 27 de él en () es decir un terrorista de partido comunista
 28 de las tierras vascas y de batazuna que demuestra que
 29 todo eso es >un único mundo un único mundo
 30 terrorista< un mundo que está donde está y siempre ha
 31 estado ↓

[1 - III; 3ª D – Margarita; 00:27:25]

32 bueno has hecho un poco de lío en cuanto a las
 33 [personas

[1 - III; 2ª D – Isabel; 00:27:27]

(i) [no

[1 - III; 3ª D – Margarita; 00:27:28]

(ii) quien aguantaba el paraguas era un miembro del
 36 comando
 37 [pero no del partido comunista de las tierras vascas

[1 - III; 2ª D – Isabel; 00:27:30]

38 >[() sí que hace las campañas del partido comunista
 39 [en las tierras vascas<

[1 - III; 3ª D – Margarita; 00:27:31]

40 [NO

[1 - III; 2ª D – Isabel; 00:27:32]

41 >sí sí sí el que hace las campañas electorales del partido
 42 comunista en las tierras vascas<
 43 [sí sí sí...sí]

[1 - III; 3ª D – Margarita; 00:27:34]

44 [en todo ca]so, la ley de partidos prevé establece que
 45 una a que fuera uno por una persona de ese origen no
 46 sería argumento para ilegalizarlo, tendría que haber
 47 varias

No exemplo (17) Isabel em um fragmento de seu turno oferece duas informações. A primeira se refere à atitude do governo que deveria ilegalizar o partido comunista às terras vascas: *instar la ilegalización del partido comunista a las tierras vascas* (l. 23 – 24). Na segunda, ela faz referência a um vídeo mostrado antes de seu turno em que havia dois homens em um palanque político, sendo que um era o organizador da campanha eleitoral do partido comunista às terras vascas e o outro um membro do comando do mesmo partido que segurava um guarda-chuva ao seu lado: *cuyo organizador de la campaña electoral es un miembro del grupo (donosti) detenido el otro día y el que le sujeta el paraguas al lado de él* (l. 24 – 27). Margarita, ao iniciar seu turno realiza um reparo, em forma de correção para cada informação dada por Isabel. Primeiro, em relação à pessoa que segura o guarda-chuva afirmando que tal pessoa não é do partido comunista: *quien aguantaba el paraguas era un miembro del comando [pero no del partido comunista de las tierras vascas* (l. 35 – 37), o que é contestado imediatamente por Isabel numa intervenção de turno: *>[() sí que hace las campañas del partido comunista [em las tierras vascas<* (l. 38 – 39) e novamente nas linhas 41 a 43: *>sí sí sí el que hace las campañas electorales del partido comunista en las tierras vascas< [sí sí sí...sí]*. A segunda correção diz respeito à ilegalização do partido comunista, que segundo Margarita a lei de partidos estabelece a necessidade de mais de um argumento para tal ilegalização, não sendo desta forma válida a informação de Isabel. Nessa correção, Margarita realiza ainda dois reparos de trajetória (i) – reparo iniciado pelo falante do problema e por ele resolvido: *-: la ley de partidos prevé establece e una a que fuera uno* (l. 44 – 45).

Observamos então que os reparos são mais abrangentes que as correções visto que estas são formas de reparar erros na produção de um enunciado. No caso do

exemplo (17), a correção repara uma informação dada pelo falante anterior apontando um erro na produção deste, que passa a ser o foco da discordância entre as interagentes. Este tipo de reparo de trajetória (ii) – reparo iniciado e resolvido pelo interlocutor – mostra-se próximo a seqüências de discordância, pois nele o interlocutor está inteiramente envolvido: ele reconhece uma falha no turno anterior inicia o reparo e o conclui, o que pode não ser aceito pelo falante do primeiro turno como no exemplo (17) em que Isabel refuta a correção de Margarita desencadeando a discordância entre os dois turnos da seqüência.

A partir da análise do reparo em nossos dados percebemos novamente, através dos resultados obtidos, uma relativa diferença entre nosso estudo e o de Pomerantz (1984) em relação a esta questão. A autora afirma que as iniciações de reparo pelo outro são pré-discordâncias usadas como um recurso que atrasa a manifestação explícita da discordância, ou seja, uma forma de adiamento e que proporcionam uma oportunidade para que o falante da primeira elocução recue de seu posicionamento, o que eliminaria a necessidade de uma discordância explícita. Observamos que essa definição de Pomerantz (1984) não se aplica a nosso estudo, como mostra o exemplo (17), em que o reparo se estabelece como a própria discordância e não como um prefácio dela.

Portanto, podemos concluir que não apenas o reparo como também as perguntas retóricas são recursos que se apresentam de forma específica em nossos dados e que trazem contribuições novas à literatura prévia (Pomerantz, 1984; Georgakopoulou e Patrona, 2000) sobre a realização da discordância. Como observado neste capítulo, os reparos e as perguntas retóricas não são usados como atrasos do ato de discordar e sim como instigadores do ato, fazendo com que a discordância avance entre os turnos da interação. De forma semelhante, os marcadores de polidez não se apresentam unicamente como minimizadores do ato de discordar. Eles exercem em nossos dados também a função de enfatizadores de opinião, uma vez que o jornalista na posição de conhecedor do contexto sócio-político espanhol está apto diante da audiência a formar opiniões que tendem a serem aceitas e seguidas pelo público. Portanto, ao proferir o *eu acho* ele não só suaviza o ato como o enfatiza como dominador do assunto em questão, não sendo, assim, marca de incerteza como afirma Brown e Levinson (1987).

Neste capítulo, analisamos as seqüências de discordâncias realizadas no contexto argumentativo a partir de suas ocorrências no corpus de interação institucional do presente estudo. Iniciamos pela análise da estrutura argumentativa, observando os componentes da estrutura e sua apresentação nos turnos discordantes. Analisamos a seguir a estrutura marcada da discordância e por último, os recursos mitigadores e instigadores presentes na produção da discordância nos turnos argumentativos.

No próximo capítulo, apresentam-se as considerações finais referentes a este estudo.